

A COMPARAÇÃO COMO RECURSO LINGÜÍSTICO E EXPRESSIVO NAS CANTIGAS GALEGO-PORTUGUESAS

Oswaldo Humberto L. CESCHIN¹

Resumo

A comparação representa um dos primeiros recursos da linguagem no processo de aquisição da língua e oferece uma oportunidade muito simples e produtiva na construção lingüística tanto em função referencial como em função relacional. Como construção de experiência ideacional realiza a experiência de elaboração de imagens em vários níveis de expressão. No período arcaico da língua galego-portuguesa, o processo da comparação reunia material lingüístico importante para a expressão poética, não apenas como recurso mimético, mas também como sofisticado recurso expressivo de construção textual, de individualização mesmo da linguagem textual, portando oferecendo rendimento estilístico de elevado valor estético. Muito embora se atribua às cantigas trovadorescas galego-portuguesas (e também, muitas vezes, às provençais) um baixo grau de recursos estéticos (e lingüísticos) em razão de certo grau de formalismo na composição literária, verifica-se que, não apenas na composição musical, isto é, nos "sons", mas principalmente nos textos, nos "motz", manifestam as cantigas estruturas sofisticadas, com expressões semânticas muito mais elaboradas do que se costuma reconhecer. Nesse sentido, algumas cantigas de amor, de amigo, de escárnio, de maldizer, e, também, as de louvor mariano de D.Afonso X dão demonstração cabal como um recurso simples e até primário se enriquece de possibilidades que valorizam o texto composto e a língua que o sustenta. Daremos vários exemplos que documentam o processo comparativo, implícito e explícito em estruturas que vão da palavra ao conjunto do texto.

A língua e a expressão

Por sua natureza funcional, servindo-se de abundantes meios de construções na estrutura gramatical das línguas, como no caso do português, a expressão do grau ou gradação e a da comparação constituem recursos de muita eficiência na manifestação da linguagem como percepção da realidade e como sua manifestação psíquica. É instrumento muito comum nas muitas situações da fala em inumeráveis situações de produção dos discursos. Geram processos que vão da mais pura construção lógica até a mais ousada e engenhosa elaboração lingüística como se observa tanto no uso comum, no cotidiano do falante, como na criação de imagens e associações mentais, a partir das experiências mais precoces da aquisição da linguagem.

Produzem efeitos surpreendentes que se encontram nas diversas formas de manifestação artística praticamente em todas as sociedades em sua história. Os "tropos"

¹ Professor do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, da FFLCH-USP.

estudados pela tradição retórica e pela literatura são um exemplo da vitalidade do sistema cognitivo construído e expresso a partir das relações comparativas: imagens, analogias, paralelos, parábolas, alegorias, símbolos produzem sofisticadas formas de expressão humana com resultados extraordinários.

As possibilidades de construções que exprimem grau, comparação e vários recursos de amplificação e restrição de sentido, como ocorreram no latim em suas fases históricas, nas línguas românicas não estão sujeitas às limitações do sistema mórfico. Apóiam-se em categorias lexicais de adjetivos e advérbios que exprimem intensidade, quantidade ou qualidade, alcançam os substantivos e também verbos, cujas derivações confirmam o processo como de grande vitalidade como na utilização de prefixos específicos, alguns ainda presentes no português, a exemplo de per-, re-, trans- (e nas formas evolutivas tras- e três-, super- etc. Essas possibilidades ampliam-se para a sintaxe e o léxico em geral. Mostram a vitalidade de uma das muitas formulações lingüísticas que exprimem a capacidade de apreender e construir pela fala e pelo pensamento o contato com a experiência existencial individual e coletiva.

Um recurso de remota origem

As perdas sofridas pelas formas de expressão do grau em latim, sobretudo no sistema flexional que, utilizando-se de desinências específicas não mais presentes nos sistemas românicos, foram compensadas por outros mecanismos, alguns já existentes no próprio latim, como as derivações ou processos de intensificação semântica, ou por construções sintáticas que cumpriram as necessidades de expressão do grau ou das comparações explícitas ou implícitas de modo muito eficiente, de maneira que o léxico e a sintaxe até enriqueceram, nas línguas românicas e em particular no galego português, com abundância de formas e significações.

Apesar das transformações do sistema flexional de grau e da perda dos morfemas, em alguns adjetivos e advérbios sobreviveram como vestígios daquele sistema como se observa em português moderno na presença de alguns vocábulos como maior, menor, júnior, inferior, superior, senhor , melhor, pior, anterior, posterior, exterior,interior, etc., aqui transcritos na forma atual, já que no período inicial da língua alguns deles não se usavam e tinham alguns outros formas diversas, como meor ou peor/peior.etc.

O fato é que na perda flexional houve soluções formais e semânticas que até certo ponto tornaram mais rica a oferta da expressão, tanto do grau como das estruturas

comparativas. Enquanto o grau, a partir do valor neutro ou “normal” expressa positivamente ou negativamente uma noção quantitativa ou qualitativa, as comparações expressam múltiplos processos de relações, que podem dar-se mesmo por analogias ou aproximações de referentes díspares, por meio de construções variadas, em especial pelas estruturas sintáticas simples ou complexas, pelas formas de transferência ou translação, como pelas gradações, pelo símile, pela imagem, pela metáfora, pela alegoria, pelas figuras que o discurso pode elaborar.

Um notável recurso do latim na expressão do grau e da comparação, perdido na evolução dos vários romances e retornado através do italiano em época tardia, o superlativo com sufixos, de certo modo ao reentrar como estrutura culta nos idiomas neolatinos, como no português e no castelhano, recuperou uma parte de seu uso, especialmente como *elativo*, isto é como um intensificador semântico, positivo ou negativo, sem objetivamente a função relacional ou comparativa; assim, fortíssimo, “muito forte” e não “o mais forte entre fortes”. A função de “superlativo absoluto” (um elativo) contrasta com a de superlativo relativo, cuja função usual se apóia na estrutura sintática: o mais forte dentre...; o mais poderoso dos...etc.

No âmbito dos substantivos, o aumento do emprego de sufixos trouxe às línguas românicas novos vocábulos entre os quais vários com valores aumentativos, às vezes com tonalidades pejorativas, e diminutivos, estes já usuais no latim com certas tonalidades afetivas. Embora esses vocábulos tenham perdido em vários casos os valores de grau, na evolução histórica, representaram um avanço do léxico e ampliaram o uso semântico de comparações implícitas, além das explícitas na estrutura sintática, como ocorreu com outras formas de intensificação (a repetição, a sinonímia, p.ex.). Assim se deu com os adjetivos e os advérbios, principalmente os de modo, de intensidade ou de tempo ou distância. Os advérbios, além dos usos comparativos, puderam expressar, nas línguas românicas, uma estrutura sintática de superlativo relativo: o mais...de ..., portanto com a anteposição do artigo, numa construção característica e que, possivelmente, tenha sofrido alguma influência francesa. O uso enfático de certos dêiticos na fala do português do Brasil é mais um caso expressivo de valor elativo.

Tamanha variedade de recursos torna o fenômeno da gradação e o da comparação –que a rigor são processos de mesma base cognitiva, embora com variadas manifestações lingüísticas de nível tanto mórfico como sintático e lexical– instrumentos gramaticais de notável freqüência nas diversas funções e usos da linguagem. Na primeira fase da história do português ou do galego-português, mais

precisamente, verifica-se alto grau de ocorrência das construções comparativas e intensificadoras nos enunciados dos textos preservados pela tradição escrita. Aparecem com muita propriedade e com notável expressividade, configurando-se como recursos lingüísticos tão evidentes como se pode observar nos textos modernos, embora não com a mesma variedade de funções expressivas literárias no que tange ao uso dos recursos da metáfora e do símbolo, tropos cuja base conceitual se encontra na comparação ou na analogia.

O papel das construções comparativas ou das intensivas na elaboração das antigas produções literárias do português, na produção lírica dos trovadores preservada nos Cancioneiros, no da Ajuda, no da Vaticana, no da Biblioteca Nacional (antigo Colocci-Brancuti) e nas Cantigas de Santa Maria, de Afonso X foi extraordinário. Assim também acontece com a expressão artística tradicional ou “popular” no português de todas as fases. Nessas fontes da primitiva lírica galego-portuguesa, cuja elaboração mecla, no conjunto, elementos de níveis distintos, com estruturas sintáticas disponíveis em formação, com um léxico quantitativamente muito limitado, a expressão poética dos trovadores alcançou um elevado nível de elaboração artística, e os textos documentam a utilização de uma variedade de formas expressivas, extraídas de um repertório lingüístico relativamente pobre, tornado rico pela exploração de valores retóricos e estilísticos, de qualidade estética indiscutível, inclusive no gênero menos “poético” das formas recorrentes, o das cantigas satíricas, de escárnio e de maldizer.

Alguns exemplos

A partir deles se pode inferir da qualidade do emprego das estruturas lingüísticas aludidas. Na verdade são inúmeros os casos em que as composições se apóiam em estruturas ou noções comparativas, nos diversos gêneros de cantares. Vão aqui um ou outro apenas para ilustração. Citam-se enunciados e textos a partir das fontes mencionadas na bibliografia.

Na Cantiga n.10, de D.Afonso X , de “loor” de Santa Maria, na didascália a intensificação “á gran poder” exemplifica uma formas mais comuns da intensificação com o adjetivo. Mas a construção de notável efeito nela é a do superlativo de procedência bíblica ou hebraica, que se dá pela repetição do substantivo: “Rosa das Rosas”, Flor das Flores” etc., no refrão, implicando o superlativo e a comparação ao mesmo tempo pela estrutura subordinante preposicional, uma construção de uso poético também na língua moderna. A valoração com o advérbio,v.5 “em mui piadosa ser” salienta a proposta de intensificação como recurso, também ocorrente no v13...”

muit'amar e servir". A construção do texto chega ao ponto final com uma comparação inferida da relação entre o haver o amor da ...”Dona que tenho por Senhor “ e “ os outros amores “, que o “trobador “dá ao “demo”. Observa-se na argumentação da cantiga a estruturação em dois níveis, a ênfase nas qualidades da “Senhor” e na relação que daí se estabelece com os outros amores, com outras senhores.

A comparação nem sempre se apresenta implícita, pois são muito comuns as aproximações com os indicadores lógicos das comparações ou processos outras formulações: Paay Gomes Charinho , o CA 251, em que o almirante aproxima em notável jogo poético a “coita de amor e a coita do mar” de tal modo que esta, na imagem do trovador almirante de D.Afonso X, não se compara à sua coita d’amor” . A cantiga, que apresenta estruturação pela atafiinda, com fiinda de dois versos(ou “palavras”) e tem refrão, traz uma gradação crescente na argumentação poética. Pela riqueza de linguagem, assunto e estilo vale a transcrição:

Quantos oj’andan eno mar aqui/ cuidan que coita no mundo ñ á/se non do mar, nen na outro mal já;/ mais d’outra guisa contece oje a mi/coitad’amor me faz escaecer/a mui gran coita do mar, e teer//

Pola mayor coita de quantas son/coita d’amor a quen a Deus quer dar./E é gran coita de mort’ a do mar, /mas non é tal, e por esta razon/ coita d’amor me faz escaecer/ a mui gran coita do mar, e teer//

Pola mayorcoita,per boa fé/ de quantas foron,nen son,nen seran/estes outros que amor non an/ dizem que ñ, mas eu direi qual é:/coita d’amor me faz escaecer/ a mui gran coita do mar, e teer//

Por maior coita a que faz perder/ coita do mar, que faz muitos morrer.//

O trovador não apenas compara; também intensifica e aproxima a coita do mar, a que muitos sofrem e faz morrer com a que ele sofre , a que produz mais sofrimento que a do mar que a muitos faz morrer. A coita d’amor que vence a do mar ..d’amar...comparação e paralelo, com alusão à experiência sua e á de outros.

Dom Dinis em muitas de suas composições se aproveita da forma lingüística comparativa e a explora com sua arte de bem trovar como fez seu avô. Numa de suas cantigas (CV123; CBN485) desenvolve de início já uma proposta que organiza o enunciado:

Quer eu em maneira de proença/fazer agora um cantar d’amor/
E nos VV 8;9;10:

Ca mha senhor quisu Deus zer tal/ quando a fez, que a fez sabedor/ de todo ben e de mui gran valor/ (...)

Na cantiga CV 119;CBN481, exprime todo o entusiasmo poético no superlativo, como se observa na terceira cobra (v.15 e v16):

..ca tal a fez Nostro Senhor,/de quantas outras no mundo son/
non lhi fez par a la minha fe, non,/ e poi-la fez das melhores melhor./

Promoveu a intensificação dupla do superlativo, usando o adjetivo e o advérbio.

Também as cantigas satíricas se apropriam do recurso expressivo da comparação e da gradação, tanto em seu valor negativo como no positivo. Assim se observa, por exemplo, numa original cantiga de maldizer de Pero Garcia Buralês (o CV 988;CBN1331), toda articulada com a qualidade de Roy Queimado, o escarnecido como trovador, ridicularizado pelo abuso do tema de “morrer de amor” e por “se meter por mais trovador”, achando que faz “hi maestria”. Mas a nota mais original da cantiga é a evocação da ressurreição de Cristo, já Roy se fez “em seus cantares morrer,/mais ressurgiu depois ao tercer dia./ e ele faz, diz Pero Garcia, o que pode fazer, “ mais outro omen per ren o faria”. O processo da ironia alcança a gradação na evolução do “motz”, também com o recurso da fiinda. A ousadia do tema não surpreende, é freqüente a alusão ao sagrado O que não é comum é a associação do morre de amor o morrer pela “paixão” como o próprio Cristo, quede fato não é mencionado senão indiretamente pelo episódio da ressurreição. A referência é completada pela dupla menção de Deus, origem do poder (vv 21 e 22).

Alusões, comparações, amplificações de sentido, muitas vezes pelo exagero e pelo ridículo são processos e construções que conferem riqueza de expressão e variedade de recursos lingüísticos e poéticos às cantigas satíricas galego-portugueses, as fontes escritas mais antigas do poder criativo do lirismo empenhado que marca um estilo da cultura de língua portuguesa.

Também a cantiga talvez mais mencionada do trovadorismo galego-português, CA 38, a cantiga da “Guarvaia” ou da “Ribeirinha”, estrutura-se inteiramente num jogo de comparações e de aproximações de elementos polarizados, cujo primeiro verso (ou “palavra” na terminologia dos trovadores) já expõe o processo como esquema ou chave: *No mundo non me sei parella*, que compreende dois instrumentos da extensão espacial e a comparação “exclusiva” pelo uso sintático e lexical “non sei parella” (não tenho par, ninguém se me assemelha, sou único).

A construção procede com uso implícito e explícito das relações aproximativas, culminando com a polarização entre dois bens: o da “guarvaia(ou garvaia)” de poder absoluto e o da “Correa”, de valor ínfimo. Seja a composição de autoria de Paai Soares de Taveirós, seja de Martim Soares, como supõem alguns filólogos, mormente os italianos, o fato é que o trovador elaborou com uma articulação finíssima de ironia e de “equivocatio”, uma peça preciosa da poesia arcaica galego-portuguesa, exibindo, com

habilidade de excelente trovador, o potencial lingüístico e estético de uma cultura literária em seus primeiros momentos históricos. De uma língua relativamente pobre se pode extrair prata e ouro, com arte e engenho, com a marca da expressão.

Bibliografia

BREA, M.(coord).- *Lírica profana galego-portuguesa*. Santiago de Compostela, Xunta de Galicia.1996. 2v.

LAPA, M.R.- *Cantigas de Escarnho e Mal Dizer*. 2ª.ed. Coimbra, Editorial Galáxia, 1970.

MACHADO, S. & OLIVEIRA, C. - *Textos portugueses medievais*. Coimbra, Coimbra Ed. 1964.

ROCA PONS, J.- *Introducción a la Gramática*. 2ª.ed. Barcelona, Teide,1970.

CUNHA, C.-*Gramática do português contemporâneo*. Belo Horizonte, Bernardo Álvares, 1970.

LAUSBERG, H. - *Lingüística Românica*. Lisboa, F. C. Gulbenkian, 1974.

DIAS, A.E. da Silva.- *Syntaxe histórica portuguesa*, 4ª.ed. Lisboa, L.Clássica, 1959.

BRANDÃO,C. -*Syntaxe clássica portuguesa*.Belo Horizonte,1963.